

Autismo e inclusão escolar: em busca de diálogos interdisciplinares com a dança.¹
Autism and school inclusion: in search of interdisciplinary dialogues with dance.

Douglas Louzakan Pereira Andrade²
Carla Regina Rachid Otavio Murad³

Recebido em: 15/08/2020
Aprovado em: 25/09/2020
Publicado em: 30/09/2020

Resumo:

O objetivo deste trabalho foi, a partir de uma revisão bibliográfica de estudos em dança e autismo, verificar o tipo de conhecimento que as práticas científicas de pesquisa nestes campos de conhecimento têm promovido no contexto escolar. O referencial teórico se pautou na noção de Michel Foucault (2004) de práticas discursivas que se constituem pela ordem do discurso poder-saber e que vai deixando marcas enunciativas constitutivas dos sujeitos através de práticas institucionais de produção escrita acadêmicas. Foram analisados quatro trabalhos de pesquisa escritos em língua portuguesa acessados e selecionados por meio das bases nacionais e internacionais publicadas nos últimos cinco anos. Os dados foram organizados e analisados em três frentes de indagação: interdisciplinaridade ou disciplinarização; educação e inclusão e sujeito e objetivo de pesquisa. Os resultados sugerem que as concepções de dança dos trabalhos provocam distorções nos desenhos metodológicos que, por sua vez, recortam os sujeitos em grupos-objetos segregados de controle. Concluimos que a escola, enquanto instituição, tem incorporado conhecimentos de diversos campos do saber com o objetivo precípuo de manter o controle destes sujeitos.

Palavras-chave: Autismo; Dança; Inclusão; Discurso.

Abstract:

The objective of this work was, based on a bibliographic review of studies in dance and autism, to verify the type of knowledge that scientific research practices in these fields of knowledge have promoted in the school context. The theoretical framework was based on Michel Foucault's notion of discursive practices that are constituted by the order of power-knowledge and that leaves the subject's constitutive marks through institutional practices of academic written production. Four research papers written in Portuguese were accessed and selected through national and international databases published in the last five years. The data were organized and analyzed on three fronts of inquiry: interdisciplinarity or disciplinarization; education and inclusion and research subject and objective. The results suggest that the dance conceptions of the works distort the methodological designs, which, in turn, cut the subjects into segregated control object groups. We conclude that the school, as an institution, has incorporated knowledge from different fields of knowledge with the primary objective of maintaining control of these subjects.

¹ Artigo apresentado na disciplina Trabalho de conclusão de curso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM, como pré-requisito para obtenção do título de Especialista em Educação Profissional e Tecnológica Inclusiva.

² Licenciado em Educação Especial pela Universidade de Santa Cecília e Especialista em Educação Especial e Transtornos Globais do Desenvolvimento – TGD pela Faculdade Venda Nova do Imigrante. E-mail: douglaslouzakan@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5285-7757>.

³ Docente de língua inglesa do curso de Letras da Universidade Federal do Triângulo Mineiro e docente credenciada no Programa de Mestrado Profissional em Letras (Proletras) da UFTM. Graduada em Letras-Tradução Inglês (UnB), Mestre em Linguística Aplicada (Unicamp) e Doutora em Estudos Linguísticos (UFU). carlamurad@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8965-2624>

ANDRADE, D. L. P; MURAD, C. R. R. O

Keywords: Autism; Dance; Inclusion; Education.

Introdução

O interesse dessa pesquisa partiu da premissa de que tem existido um diálogo entre Educação, Autismo e Dança em busca da construção de novos conhecimentos partindo de uma visão interdisciplinar que passa pela escolarização de alunos com necessidades especiais. Em uma abordagem mais específica, pensou-se em investigar como a dança como componente a ser desenvolvido na disciplina de Artes poderia ocupar o lugar de um princípio organizador de projetos, programas, aulas nas escolas, onde objetos de ensino seriam pensados em um sentido ou modo de fazer o aluno autista interagir no espaço escolar concebendo-os sujeitos como ativos e interativos na e pela linguagem.

Buscando bases para um trabalho voltado para a concepção de dança como campo de conhecimento e saber e sujeito em relações emaranhadas nas instituições que representam poder na perspectiva foucaultiana, a concepção de arte que pauta este trabalho é a visão de que a arte se institui e constitui a partir da vida e do sujeito em um movimento interacional e dinâmico. Nesse sentido, arte e sujeito são considerados mediação nos processos de (re)constituição do sujeito que dança. Tal como apregoa as práticas pedagógicas nas diretrizes curriculares mundiais, é na escola que a singularidade das palavras, as impressões, sensações e imagens desencadeiam o “processo de devir, de reinvenção da vida em uma perspectiva estética da existência, na qual a própria vida é reconhecida como obra inacabada que nos convoca à sua constante criação” (REIS; ZANELLA, 2014, p. 106). Assim, as práticas educativas escolares visariam à transformação dos sujeitos no espaço e no tempo-ritmo da vivência de cada um.

Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo têm sido público-alvo das pesquisas-ações interdisciplinares em diversas áreas de especialidade, mais especificamente nas macros áreas de conhecimento Saúde e Educação (NEVES et al, 2014). De diagnóstico complexo, as causas do autismo ainda são polêmicas e hoje não se busca a cura e sim a abordagem multidisciplinar do sujeito, dadas as variáveis que incidem no diagnóstico a depender da idade, da evolução do transtorno, da presença de comorbidades e das condições psicossociais do autista.

ANDRADE, D. L. P; MURAD, C. R. R. O

Já em termos de inclusão ou exclusão escolar, sabe-se que o modelo de educação que predomina na escola regular brasileira é espectral, isto é, por um lado há escolas inclusivas com foco no sujeito e na centralidade de suas necessidades educacionais, por outro há escolas assistencialistas, que cultuam a assimetria e a sujeição dos indivíduos em grupos segregados. A meio termo, a norma é integrar, isto é, no modelo integracionista, centrado no atendimento educacional especializado cultivado à moda do consultório médico, o objetivo precípua é o de adequar o autista à escola e não o contrário, apesar dos especialistas em educação inclusiva refutarem veementemente a conformação escolar a esta ideia.

Segundo Menali (2015, p. 13), o autismo traz uma maior preocupação nas áreas médicas e na educação porque não se trata de uma lesão neurológica debilitante. Seus sintomas podem ser observados de forma mais contundente via comportamentos em situações escolares cuja ordem de discurso institucional predominante incide sobre a cognição, o intelecto, a estabilidade e a linearidade na interação social, a presença de habilidades de comunicação. Tudo aquilo que contraria esta ordem, é destituído de valia, digno de exclusão e desprezo. Para dirimir esta desvalorização pautada na normalidade como padrão, a escola dita inclusiva advoga o atendimento individualizado do aluno incluindo a adaptação curricular, novas metodologias de ensino, interdisciplinaridade, entre outras práticas, como prioritárias na prática de atendimento sob a égide do “integracionismo”.

A palavra alheia médica imposta pelos manuais técnicos tem chegado nas escolas como verdade absoluta. Desprovidos do convívio com autistas, em sua maioria segregada pelo modelo da Educação Especial em escolas marginais, grande parcela da comunidade escolar acaba tomando como lei o discurso médico e transfere, sem uma leitura criteriosa e crítica dos pareceres técnicos sobre o aluno, crenças e concepções míticas sobre quem são os sujeitos autistas que vão para a escola.

Diante do exposto, o objetivo desta pesquisa partiu da pergunta “De que modo a ciência ou a produção de conhecimento no campo da dança tem chegado aos autistas nas escolas?” Para tanto, verificamos na literatura científica a produção científica atual envolvendo a temática dança e autismo. Alguns questionamentos iniciais foram Que lugar a dança tem ocupado nos desenhos teórico-metodológicos dos trabalhos? Como o saber desenvolvido na disciplina de dança tem chegado ao sujeito autista? Qual ideologia tem

ANDRADE, D. L. P; MURAD, C. R. R. O

deixado marcas nestes alunos? Partimos do pressuposto de que as propostas e projetos desenvolvidos em trabalhos científicos devem estar em permanente interlocução dialógica com a realidade psicossocial dos sujeitos autistas os quais devem ocupar a centralidade das ações docentes e das práticas educativas vivenciadas pelos sujeitos pesquisadores envolvidos na produção de conhecimento multidisciplinar que valorize a singularidade autista.

Saber disciplinar, dança e alunos especiais

A relação entre saber e o poder para Michel Foucault se dá no interior das relações humanas situadas e determinadas sócio historicamente. Para o filósofo, o conhecimento ganha força quando instado por aquele que detém o poder de proferi-lo, sendo esta força construída e ordenada no discurso, isto é, nas irregularidades, tensões e dispersões que conformam os sujeitos ideologicamente pelas ideias de uma classe dominante em relação a outra menos dominantes.

No século XVIII o poder científico pautado já se encontra pautado nas leis cartesianas positivistas e racionalistas influenciadas pelas ciências naturais e exatas cujas premissas se baseiam na força que cada disciplina teria para estudar e produzir conhecimento sobre um mesmo objeto de estudo observado por diferentes prismas. A norma produtivista passou de integrar para entender para dividir esforços para “somar”. Descobertas, achados, dados, fatos todos quantificados, elaborados para um sentido utilitário. As ciências humanas sofrem um descompasso e perdem sua razão de ser em prol ao capitalismo produtivista e utilitarista do saber.

Segundo Marques e Rosa (2017), a interdisciplinaridade é uma tentativa de resposta à compartimentalização de disciplinas ou a disciplinarização do conhecimento começou na era medieval. No século XX, chamado de modernidade iluminada, as discussões sobre o saber se acirram na filosofia com os marxistas ganhando terreno tecendo duras críticas excesso de racionalidade e ideologia liberalista que havia levado a sociedade mundial a duas guerras. Conforme os autores citados (p. 11908), “a divisão crescente do saber só se transformou numa hiperespecialização disciplinar em meados do século XX, com o crescimento e a complexidade dos conhecimentos, pela

ANDRADE, D. L. P; MURAD, C. R. R. O

multiplicação e sofisticação das tecnologias.” Este período tem sido denominado de modernidade tardia ou pós-modernidade. Citando os autores:

A interdisciplinaridade como crítica à fragmentação do saber aparece como entendimento de uma nova forma de institucionalizar a produção do conhecimento nos espaços da pesquisa, na articulação de novos paradigmas curriculares e na comunicação do processo perceber as várias disciplinas. Esta realização integrativa-interativa permite-nos visualizar um conjunto de ações interligadas de caráter totalizante e isenta de qualquer visão parcelada, superando-se as atuais fronteiras disciplinares e conceituais (MARQUES; ROSA, 2017, p. 11913)

As disciplinas de especialidades cada vez mais delimitadas em seus objetivos e campos de pesquisas e estudos proliferaram em “ilhas racionalidade” (JAPIASSU, 2006 apud MARQUES; ROSA, 2017) cujas lutas se esmaecem no interior de seus programas de manutenção de autonomia principalmente nas universidades, sob a pena de perda de identidade e independência. Concordamos com o argumento do autor de que para gerar algum deslocamento no campo disciplinar é preciso conceber o estatuto epistêmico de produção de conhecimento do ponto de vista cultural, buscando transgredir a compreensão mecanicista de pensar e fazer ciência empregando métodos inter e transdisciplinares, buscando reestruturar o campo das disciplinas já existentes.

A concepção de arte que está latente nos currículos escolares é a arte de experimentar, de sentir, de se impressionar e de se transformar. Segundo Reis e Zanella (2014), “ela promove o desenvolvimento psicossocial do sujeito em múltiplos aspectos, tais como a imaginação, a sensibilidade, a criatividade, a memória, as emoções e a linguagem. Além disso, pode propiciar novos modos de subjetivação pois, na experiência estética, há uma abertura à alteridade” (p.106). O que autistas têm feito por meio da arte, mais especificamente por meio da dança, pode ser uma pergunta promissora a ser levada a cabo nesta empreitada.

Segundo Bezerra e Ribeiro (2020), a história da dança na educação básica é permeada de lutas pela concretização do espaço curricular mais valorizado. A dança por muito tempo tem permanecido na escola com uma função de recreação e comemoração, “legitimando-se como conteúdo de ensino da educação física e sendo pouco considerada em sua relação direta com a arte” (BEZERRA; RIBEIRO, 2020, p. 8) ou de “ilustração lúdica” conforme Marques aponta (2003). A autora complementa o estado marginal da dança no Brasil, enquanto ensino como atividades extracurriculares em cursos livres de

ANDRADE, D. L. P; MURAD, C. R. R. O

dança e na escola regular, fica ao cargo do professor de Educação Física inserir ou não aulas de dança na carga horária da disciplina. Assim sendo, conteúdo da dança seja reconhecido como necessário à formação escolar, mas como parte da educação do corpo, que está em processo de aprendizagem, e que poderia ser substituída por atividades físicas e ou recreativas.

A dança Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 130) específico do ensino de arte para o ensino fundamental nos traz algumas contribuições da arte de uma forma em geral como teatro e dança no desenvolvimento criativo e identitário das crianças:

Expressar e saber comunicar-se em artes mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas; interagir com materiais, instrumentos e procedimentos variados em artes (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), experimentando-os e conhecendo-os de modo a utilizá-los nos trabalhos pessoais; edificar uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal e conhecimento estético, respeitando a própria produção e a dos colegas, no percurso de criação que abriga uma multiplicidade de procedimentos e soluções; [...] (PCN, 1997, p. 39).

Esta perspectiva tem o potencial de ampliar o objetivo de ensinar a dança na sua força artística no sentido vigotskiano da valorização do potencial individual e coletivo e bakhtiniano da significação do corpo e do movimento como linguagem para se comunicar, se expressar. Yaghen-Vial ao comentar o valor da dança como meio de expressão, ressalta o privilégio de poder presenciar o poder comunicativo e sublimador da dança como linguagem não verbal do bailarino russo Vaslav Nijinski . Nas palavras da autora:

Como hipótese, pode-se estabelecer que a dança é uma linguagem não verbal; onde a música substitui a palavra e se estabelece como limite. Neste limite, o bailarino transmite a essência da obra através dos gestos e do movimento corporal. Essa conformação do espaço de dança e seus limites foi provavelmente o que permitiu a Nijinsky ter um efeito de contenção de sua estrutura psíquica (YAGHEN-VIAL, 2000, p.).

No entanto, a riqueza da dança como possibilidade de sublimação ainda não encontra espaço na produção intelectual dos campos da saúde e da educação. A pesquisa bibliográfica sobre trabalhos na interface dança e autismo de Silva e Orlando (2019) aponta para uma tendência das pesquisas na área médica e da saúde a conceber

ANDRADE, D. L. P; MURAD, C. R. R. O

a dança como intervenção corporal, como terapêutica de correção de comportamento e de superação das limitações físicas.

Reconhecemos a importância da contribuição científica advinda de diversos campos de conhecimento, no entanto, é na perspectiva foucaultiana que nos interessa enveredar os esforços de leitura dos trabalhos selecionados para análise. A partir das condições de produção destas pesquisas e dos seus desenhos metodológicos pretendemos construir um ponto de vista e tecer considerações em relação ao lugar ocupado pelo sujeito aluno autista nas práticas de pesquisa no ambiente escolar, procurando analisar em que medida a escola como espaço de poder-saber tem conferido às pesquisas nas áreas da educação e da saúde com sujeitos autistas.

Metodologia

A presente pesquisa quantitativa descritiva foi realizada por meio de bases nacionais e internacionais, como as Bases de Dados de Acesso Público, Biblioteca Digital brasileira de Teses e Dissertações e Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD/ IbiCT) e diretórios de revistas como SciELO e Periódicos Capes em busca de trabalhos somente em língua portuguesa (Brasil e Portugal).

A coleta de dados foi realizada em abril de 2020. Utilizou-se primeiramente a busca com o descritor “dança/autismo/interdisciplinaridade”. Vale ressaltar que a busca foi feita pelas palavras entre aspas, por relevância, no período de 2015-2020, somente em português Brasileiro e de Portugal, retornando inicialmente 6 artigos. Aplicados os critérios de exclusão, isto é, descartados os trabalhos de revisões bibliográficas, restaram apenas 4 trabalhos, os quais apresentamos nas tabelas seguintes.

Apresentação e discussão dos resultados

Título	Tipo de trabalho e palavras-chave	Fonte e Autoria	Local e ano da publicação
Intervenção Psicomotora com Crianças e Jovens com Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) do Agrupamento de Escolas Dr. Azevedo	Dissertação de Mestrado Palavras-chave: Intervenção Psicomotora; Necessidades Educativas Especiais; Perturbação do Espectro do Autismo; Contexto Escolar; Ensino Inclusivo; Unidades	Programa de Pós-Graduação em Reabilitação Psicomotora. (MAGALHÃES, 2019)	Portugal, 2019.

ANDRADE, D. L. P; MURAD, C. R. R. O

Neves.	de Ensino Estruturado; Intervenção Individual; Intervenção em Grupo; Dança; Meio Aquático		
Dança em Intervenção Psicomotora: Um Estudo Sobre os Reguladores de Interação Social em Crianças com Perturbação do Espectro Autismo.	Dissertação de Mestrado Palavras-chave: Dança; Psicomotricidade; Perturbação do Espectro do Autismo; Crianças; Interação Social.	Programa de Pós-Graduação em Psicomotricidade e Relacional. (MIRANDA, 2017)	Portugal, 2017.
Pibid Interdisciplinar: Um Olhar Sobre as Contribuições da Arte para a Construção de Objetos Pedagógicos para Pessoas com Deficiência.	Artigo Palavras-chave: Pibid Interdisciplinar. Inclusão. Artes. Escola. AEE	Revista Educação, Artes e Inclusão. (ROCHA; SILVA, 2015)	Brasil, 2015.
Dança e Autismo: Espaços de Encontro.	Tese de Doutorado Palavras-chave: Dança. Autismo. Educação.	Programa de Pós-Graduação em Educação. (VIANA, 2015)	Brasil, 2015.

Tabela I - Construída pelos autores

A tabela I apresenta 1 Artigo de Revista (Brasil), 2 Dissertações de Mestrado (Portugal), 1 Tese de Doutorado (Brasil). Nos trabalhos apresentados, a palavra dança aparece em 2 títulos, 3 palavras-chave e no corpo dos textos aparecem no Resumo, Introdução, Metodologia, Fundamentação Teórica, Discussão de Resultados e Considerações Finais, ou seja, a dança foi um elemento teórico-metodológico de peso nestes trabalhos. Na tabela II, foi realizado um levantamento da classificação dos sujeitos participantes da pesquisa com o intuito de estabelecer algumas relações entre a concepção de dança, inclusão, escola e autistas na discussão:

Título do trabalho	Local da Pesquisa	Classificação dos Sujeitos Autistas (Brando, Severo, Verbal, Não Verbal, Comorbidades)	Participantes ou sujeitos da pesquisa
Intervenção Psicomotora com Crianças e Jovens com Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) do Agrupamento de Escolas Dr. Azevedo Neves.	Escolas Dr. Azevedo Neves (Ano Letivo de 2017/2018).	Não especificado ("Crianças com Perturbações com Espectro do Autismo")	33 Crianças e Jovens (Entre 5-19 anos com Necessidades Educativas Especiais).
Dança em Intervenção	Escolas Afonso de	Não especificado	4 Crianças (Entre 7-

ANDRADE, D. L. P; MURAD, C. R. R. O

Psicomotora: Um Estudo Sobre os Reguladores de Interação Social em Crianças com Perturbação do Espectro Autismo.	Paiva de Castelo Branco.	("Crianças autistas")	12 anos), Psicóloga e Encarregado da Educação.
Pibid Interdisciplinar: Um Olhar Sobre as Contribuições da Arte para a Construção de Objetos Pedagógicos para Pessoas com Deficiências.	2 Escolas Municipais e 2 Escolas Estaduais.	Alunos com deficiências (Não especificado)	3 Professoras da Educação Básica e 21 estudantes de licenciatura.
Dança e Autismo, Espaços de Encontro.	Ateliê de Dança na Região da Bretanha Francesa.	Não Especificado ("Crianças e Jovens Ditos Autistas")	Crianças e Jovens Extraordinários.

Tabela II - Construída pelos autores

Interdisciplinaridade ou disciplinarização?

Levando em consideração a produção de dados da Tabela I e II, Magalhães (2019) relata 2 projetos de Intervenção Psicomotora, "Projeto de Dança & Movimento" e na "Intervenção Psicomotora em Meio Aquático", em contexto de uma escola regular inclusiva com um grupo de 33 crianças e jovens entre 5 e 19 anos descritos como "PEA (Perturbações do Espectro do Autismo) e portadores de necessidades educativas especiais". A palavra "dança" aparece somente no Projeto intitulado "Dança & Movimento" como metodologia de intervenção para provocar a interação com o outro.

A proposta de Magalhães (2019) de "Intervenção Psicomotora com Crianças e Jovens com Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) do Agrupamento de Escolas Dr. Azevedo Neves" a dança é definida como recurso terapêutico e idealizada como espaço onde os sujeitos expressam e comunicam livremente seus sentimentos. No entanto a ocupação da dança na pesquisa é definida como projeto de intervenção psicomotora, sendo que a disciplina representa um processo facilitador estratégico de cunho intervencionista com foco no controle do sujeito ou sua conformação à prática de dançar. A ideia de arte como mediação da experiência, independência, adequação e flexibilização no ambiente escolar se perde.

No projeto de "Dança em Intervenção Psicomotora" (MIRANDA, 2017), identifica-se que a dança é definida como recurso da psicomotricidade relacional, ela foi idealizada como forma de intervenção nas Perturbações do Espectro Autismo (PEA). O local da pesquisa é a sala de aula de dança da escola, onde o aluno era entrevistado pelo

ANDRADE, D. L. P; MURAD, C. R. R. O

encarregado da educação. A dança neste trabalho funcionou como intercessora na psicomotricidade, ocupando junto ao desenho da pesquisa o desdobramento das áreas de relação social das crianças. No transcurso do projeto, a dança ocupa o espaço de veículo de expressão assumindo um papel terapêutico equidistante nos sujeitos e na união com o outro e com o meio, propiciando que a criança se indague e compreenda a si, ao seu corpo, ao outro e o meio que a circunda, expandindo competências e maestrias tocantes a sua perturbação. A dança como disciplina, pode ser inferida como facilitadora, por meio da palavra do profissional que conduziu as atividade de modo a dar acepção à intenção, impulsionando a reflexão motora do outro e incluindo a criança na estruturação e no controle da sessão espelhada no outro.

A dança em Rocha e Silva (2015) é concebida como estratégia de ensino, trazendo o renascimento de personagens folclóricos e “folgedos populares” durante sua realização. Tem como força incluir crianças com deficiência na escola. A noção de dança desenvolvida no trabalho prioriza a construção da experiência do conjunto de atores sociais escolares como os professores diversificados, alunos e especialistas em educação que estavam na escola criando uma rede diversa de conhecimentos creditados experienciados por meio da adversidade habitual de verificação. Neste sentido, o trabalho propriamente dito com aluno autista perde o foco para dar lugar à experiência docente coletiva.

No trabalho de Viana (2015), a palavra “dança” aparece como uma proposta de reflexão em torno dos conhecimentos no qual tece espaços de saberes e aprendizagem nas relações não hierárquicas, mas como um ideário ideológico que. A proposta se passa em um “Atelier de Dança no I.M.E. Le Triskeel” na região da Bretanha Francesa, buscando a observação, a experiência, o descobrimento, a liberdade para o extraordinário, com a finalidade de possibilidades dançantes de inter-relacionar-se com o mundo que o cerca, com o universo do qual o seu corpo inclui-se. A dança foi idealizada como fonte de transformação para os ditos “pessoas extraordinárias” (autistas). A noção de dança, nesse contexto, buscou edificar aprendizagens artísticas, empregando distintos movimentos dançantes, tentativas, hibridizando o conhecer a arte, porém, o ambiente se conformou como homogêneo, pois o grupo atendido era formado exclusivamente de autistas.

ANDRADE, D. L. P; MURAD, C. R. R. O

Educação inclusiva?

Na pesquisa realizada junto às Escolas Dr. Azevedo Neves (MAGALHÃES, 2019), a dança não foi pensada como um trabalho educativo inclusivo. A escola regular não mostrou ser inclusiva uma vez que houve a separação de crianças e jovens com necessidades educativas especiais junto aos demais na realização da pesquisa. Pensando no ato de exclusão retratado e evidenciando os processos de inclusão escolar, Mantoan (2003) deixa grandes contribuições elucidando que a inclusão provoca uma transfiguração de perspectiva educacional, pois não toca apenas estudantes com deficiência e os que denotam dificuldades de aprendizado, mas todos os demais, para que alcancem sucesso na trivial corrente educativa geral.

A professora de dança foi descrita como psicomotricista, porém não foi mencionado se era especialista ou possuía formação específica em inclusão. No decorrer do projeto, há menção de abordagens de ensino para trabalhos com autistas, como ABA (Applied Behavior Analysis), Modelo Floortime e programa TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children), porém sabemos que estes métodos estão voltados para o treino do comportamento. A concepção de inclusão foi encarnada como uma descoberta prévia para uma intercessão educativa e/ou reeducativa preparatória, atendendo como mecanismo de apoio educativo e de enredo para precaver e sobrepujar adversidades de aprendizagem, do qual a junção de psicomotricistas em ambiente escolar é capaz de proporcionar na efetivação de técnicas profissionais “eficientes e pré-inclusivas”.

No projeto executado nas Escolas Afonso de Paiva de Castelo Branco (MIRANDA, 2017) houve equitativamente prática excludente levando-se em consideração que se tratou de uma instituição de ensino regular que separou as crianças autistas dos demais para realização da pesquisa. A professora de dança é descrita como interventora, contudo não foi mencionado se era especialista tampouco sua formação. Uniformemente, o projeto desenvolvido por Rocha e Silva (2015) decompôs os alunos comuns dos especiais durante o trabalho nas escolas estaduais e municipais. De acordo com Mantoan (2003) “os pressupostos teóricos que adulteram intencionalmente o conceito de inclusão, preservando-a à mestria intelectual, social e cultural dos estudantes, para atender às expectativas e imposições da escola, necessitam estatelar-se por terra com precisão”.

ANDRADE, D. L. P; MURAD, C. R. R. O

Em Rocha e Silva (2015), o ponto positivo foi a edificação de materiais didáticos que viabilizaram, sob uma direção interdisciplinar, o desdobramento de uma cultura inclusiva nos educandos integrantes do projeto. O professor de dança foi descrito como “professora de música”, não se sabe se era especialista, sua formação, nem tampouco há menção ou abordagem de ensino para trabalhos com autistas. A concepção de inclusão que foi levada em conta no plano do projeto está relacionada aos conhecimentos da elaboração e construção de objetos artísticos acessíveis à semelhança dos públicos com deficiência na arte. A adequação de ferramentas, materiais e objetos inclusivos é uma das viabilidades de apreciação da experimentação estética de estudantes com deficiência.

Com relação à Viana (2015), houve grandes desencontros nas investigações abarcadas, pois a parte metodológica ficou enigmática. Não ficou explícito e de forma organizada o contexto inferencial da metodologia após leitura na íntegra, ou seja, não convenceu com clareza as explicações do trabalho. Levando em consideração o recorte da pesquisa, onde participaram crianças e jovens ditos autistas, presumivelmente não houve cuidado com relação à educação inclusiva onde os jovens autistas seriam postos em interação com os demais alunos da escola. Posto isso, incluir é essencial, primeiramente para melhorar as conjunturas das escolas, de forma que nela se consigam construir gerações mais desenvolvidas para subsistir a vida na sua integralidade, desafortunadamente, sem prejulgamentos, sem obstáculos. Não somos capazes de paliar liquefações, mesmo que o preço que possuíamos de saldar seja bem alto, pois em nenhum momento será tão alto quanto a remissão de uma vida escolar excluída, uma fuga, uma criança rotulada sem motivos (MANTOAN, 2003).

Não ficou evidente no trabalho, como era chamado o professor, não se sabe se era especialista, sua formação, nem sequer alusão ou enfoque de ensino para trabalhos com autistas. A concepção de inclusão foi levada como meio de promover a socialização, o respeito, o direito à individualidade e limites. Nesse sentido, a dança segundo a tese, granjeia um dever insubstituível na formação dos sujeitos, na dimensão em que pode compor um universo atenuante e congruente, promovendo tentativas que vão suceder não apenas como um grande auxiliar de desenvolvimento motor e cognitivo, assim como coadjuvar para a inclusão social ao passo que encoraja o aumento da autoestima, metamorfoseando-o, resolutivo, encorajando-o a procura por novas experiências.

ANDRADE, D. L. P; MURAD, C. R. R. O

Sujeitos ou objetos da pesquisa?

Nas pesquisas, os autistas foram retratados como “crianças com PEA” (MAGALHÃES, 2019; MIRANDA, 2017), “crianças autistas”, “alunos com deficiência” e “pessoas extraordinárias”. Nesses projetos, não foi possível identificar os subtipos de autismo, uma vez que há diversidade e singularidades que requerem um olhar específico de diagnóstico e intervenção ou trabalho pedagógico. Em alguns projetos, como, “dança em intervenção psicomotora” e “intervenção psicomotora com crianças e jovens com PEA do agrupamento de escolas Dr. Azevedo Neves”, há menção de algumas características dos alunos, mas não todas a ponto de identificar o tipo de autismo que esses estudantes tinham.

No trabalho de Magalhães (2019), os alunos eram especificados como “Crianças com PEA” ou “Crianças com Perturbações do Espectro Autismo”, porém não foi classificado que tipo de autismo elas tinham. O foco dos resultados em se tratando da performance dos autistas nos projetos foi viabilizar a compreensão do esquema corporal, amplificar a lateralização e verticalidade, favorecer o sentido, aumentar a concentração que vai coadjuvar na fixação, introversão e reflexão pessoal, ascensão de ritmo e ordenamento espaço-temporal, inventividade e comunicação e interação social. A generalização estende-se também na descrição do resultado em que foi observado acréscimo significativo no bem-estar e na jovialidade pessoal da população investigada, considerando que esta vai adiante de um espaço de terapia, concedendo a figuração pessoal, instantes de lazer e de sociabilização.

Em Miranda (2017), não se sabe que tipo de autismo o sujeito participante havia sido diagnosticado. Inferimos que o importante no trabalho foi investigar o gestual não verbal, concebido como reguladores do efeito da prática da dança. Sabe-se também que a intervenção impulsionou o desenvolvimento de alguns conceitos em que a autora propôs estudar, especificamente: a fixação do olhar com o adulto, o emprego das expressões faciais, o exercício do sorriso, a atenuação da insensibilidade, uso do gesto, a relação de proximidade e distância entre os sujeitos, conexão com a atividade no sentido de tempo de continuidade na atividade e a relação com o adulto. Houve auxílio de psicóloga externa que participou da avaliação de forma indireta desempenhando o papel de reportar informações para o encarregado adulto da educação.

ANDRADE, D. L. P; MURAD, C. R. R. O

No trabalho de Rocha e Silva (2015), o projeto foi realizado em uma escola regular, especificamente em sala de aula com a colaboração do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e professores para executar o projeto á alunos com deficiência, entretanto de vinte e um estudantes com deficiência, foi especificado o diagnóstico apenas de dois, um com Síndrome de Willians e outro com Autismo, porém não ficou evidente qual a classificação/tipo desse sujeito autista e das demais condições que poderiam impactar na execução do projeto. Através da prática aplicada, o projeto favoreceu na aprendizagem dos educandos como instrumento, a compreensão de matérias “disciplinares e interdisciplinares”, para a otimização de práticas inclusivas e aperfeiçoamento de aproximações metodológicas de trabalho em equipe.

Em Viana (2015), o aluno autista era apresentado como “pessoas/sujeitos extraordinários(as)” ou até mesmo “Crianças e Jovens Ditos Autistas”, não se sabe o tipo de autismo que tinham, o que se sabe sobre a implicação da prática com o aluno é que originou novas possibilidades para a arte da dança, estabeleceu um elo para conhecer a si e o outro como “pessoa única e exemplar” na sua “multiplicidade evolutiva” e abriu portas para outros caminhos, outras possibilidades, a busca pela autonomia.

Considerações Finais

Retomando o objetivo anunciado na introdução deste trabalho, selecionamos e analisamos quatro trabalhos de natureza científica realizadas em âmbito escolar com o intuito de investigar o lugar da dança e dos autistas na construção das práticas de pesquisa em contextos escolares.

A dança, nas dissertações de Magalhães (2019) e Miranda (2017), não é concebida como um recurso metodológico mediador que propicia aos estudantes autistas uma experiência criativa e espontânea. Seu caráter utilitário, isto é, uso como estratégia de intervenção psicomotora voltada o estudo da psicomotricidade e reabilitação psicomotora do sujeito autista distorce a concepção de dança como arte ao se apropriar da dança como instrumento terapêutico intervencionista. Nesse sentido, a relação que se estabeleceu na escola entre a dança e psicomotricidade e dança e reabilitação psicomotora estimula a concepção de dança como instrumental de coleta de dados e não como arte mediadora histórico-cultural para o desenvolvimento da criatividade ou forma

ANDRADE, D. L. P; MURAD, C. R. R. O

de expressão, o que ocasiona um desvio na função educativa da disciplina de artes como componente curricular nessas escolas. Já os trabalhos de Rocha e Silva (2015) e Viana (2015), a dança se faz mais presente como recurso metodológico voltado para a experimentação e se aproxima da noção de arte como mediação, pois há um elo relacional junto à concepção artística, com foco no desenvolvimento da expressão e da comunicação por meio das artes e interação com e pelos movimentos.

No tocante à função da escola como espaço de inclusão, a análise do disposto nas configurações metodológicas das pesquisas investigadas aponta para uma tendência ainda muito forte de desenho e recorte de pesquisa tendendo à diferenciação genérica do transtorno. Em outras palavras, ao agrupar a atipicidade, gera-se uma falsa ilusão de que todos aqueles autistas possuíam um perfil deficiente homogêneo. O ato de permitir ao cientista isolar os sujeitos nas escolas sob o pretexto de testar métodos e teorias pode reforçar o estigma disciplinador que configura a ciência positivista, objetificadora do sujeito, do objeto-sujeito. Por terem sido realizadas em escolas regulares, salientamos a passagem sutil engendrada pelo poder institucional à convivência atitudinal das instituições escolares à estimulação à separação dos alunos em conformações grupais exclusivas transformando-os em objetos de intervenções terapêuticas tecnicistas com dança que a descontextualiza da disciplina de artes. Quando pensamos em qualidade ética no tocante à inclusão escolar de um estudante autista, é importante considerar um trabalho que atenda suas potencialidades, seu perfil, suas características, seus adjetivos, principalmente em disciplinas desse universo das linguagens como práticas sociais.

Outro ponto relevante e considerável é a falta da especificação da formação dos professores que trabalharam com esses estudantes. Atinamos que para atender a diversidade de alunos com deficiência, é essencial que o responsável pela formação continuada e especialização esteja em busca da valorização dos processos inclusivos de ensino-aprendizagem. Os educadores capacitados para tornarem-se assim nomeados, carecem não só ter uma disciplina relativa à educação especial ou inclusiva em sua formação inicial que os torne “tolerantes” à diversidade. Muito mais, além disso, é preciso que estes profissionais desejem o encontro com esse outro diferente, desconhecido e aventurar-se a viver junto, aceitando suas particularidades e diferenças.

É impreterível reconhecer que qualquer país tem um alicerce defendível que deveria coadjuvar para que as transfigurações educacionais transcorram num regime

ANDRADE, D. L. P; MURAD, C. R. R. O

crescente de introdução a novos princípios de pesquisa neste campo de saber artístico, “bem como um novo olhar para a formação e profissionalização docente, a partir de propostas que objetivem a emancipação de sujeitos, a transformação social, o desenvolvimento de potencialidades, a autonomia do pensamento enquanto prática criadora e de liberdade” (BEZERRA; RIBEIRO, 2020, p. 12).

REFERÊNCIAS:

BEZERRA, D. RIBEIRO, L. **A história do ensino da dança no Brasil e o ensino na educação básica**. Incomum Revista - Revista de Arte, Educação, Profissionalização e Comunidades. V. 1, N.1 Instituto Federal de Goiás – IFG. Acesso em agosto de 2020. Disponível em: <https://revistas.ifg.edu.br/incomum/index>. 2020

D'AGOSTINI, Fabiana Piccoli. **Concepções de professoras que atuam na escola especial sobre a inclusão de alunos no ensino regular**. Dissertação de Mestrado. Universidade Do Oeste de Santa Catarina. 2011.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, 2004.

JAPIASSU, Hilton. **O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001**. Institui Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica/Secretaria de Educação Especial. Brasília. MEC/SEESP, 2001. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

SAGE, Daniel D. **Estratégias administrativas para a realização do ensino inclusivo**. In: STAINBACK, Susan; STAINBACK William (Orgs.). **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SCHÖN, Donald A. **Formar professores como profissionais reflexivos**. In: NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

MOURA, J. P. S. **Atendimento especializado a alunos com transtornos do espectro autismo: Desafios na realização da avaliação pedagógica no município de Barra Mansa/RJ** (Dissertação de Mestrado). Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, SP, p. 123. 2014.

ROCHA, S. P. D.; SILVA, C. D. **Pibid interdisciplinar: um olhar sobre as contribuições da arte para a construção de objetos pedagógicos para pessoas com deficiências**. Educação, Artes e Inclusão, Florianópolis, SC, v. 11, n. 1, p. 127-144, 2015. Disponível em:

ANDRADE, D. L. P; MURAD, C. R. R. O

<<http://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/6398/4673>>. Acesso em: 30 Abril 2020.

RODRIGUES, I. D. B.; ANGELUCCI, C. B. **Estado da arte da produção sobre escolarização de crianças diagnosticadas com TEA**. Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo, SP, v. 22, n. 3, p. 545-555, Setembro/Dezembro 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pee/v22n3/2175-3539-pee-22-03-545.pdf>>. Acesso em: 30 Abril 2020.

SILVA, E. D. C.; ORLANDO, R. M. **A interface dança e autismo: o que nos revela a produção científica**. Educação Especial, Santa Maria, RS, v. 32, n. Contínua, p. 1-18, 05 Junho 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/33121/html>>. Acesso em: 30 Abril 2020.

VIANA, A. F. **Dança, autismo e espaços de encontro**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, p. 392. 2015.

LIMA, F. C. D. et al. **A Influência de práticas pedagógicas e terapêuticas não verbais no transtorno do espectro autista: as possibilidades para o profissional de educação física**. Motricidade, v. 13, n. Especial, p. 87-96, 9 Setembro 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/mot/v13nspe/v13nspea10.pdf>>. Acesso em: 8 Maio 2020.

MARQUES, M; ROSA, F. **A interdisciplinaridade como crítica à fragmentação do saber**. Capítulo 9. in: FÁVERO, A. et al. Interdisciplinaridade e formação docente. p. 146-159. 2020. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23319_12105.pdf Acesso em agosto de 2020.

MAGALHÃES, A. P. L. D. S. B. **Intervenção psicomotora com crianças e jovens com perturbação do espectro do autismo (PEA) do Agrupamento de Escolas Dr. Azevedo Neves**. Dissertação (Mestrado em Reabilitação Psicomotora) - Universidade de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana. Lisboa, p. 143. 2019.

MIRANDA, I. P. **Dança em intervenção psicomotora: um estudo sobre os reguladores de interação social em crianças com perturbação do espetro do autismo**. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Évora, Departamento de Esporto e Saúde. Évora, p. 183. 2017.

NEVES, Anderson Jonas das et al. **Escolarização formal e dimensões curriculares para alunos com autismo: o estado da arte da produção acadêmica brasileira**. Educ. rev., Belo Horizonte, v. 30, n. 2, p. 43-70, jun. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982014000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 jul. 2020.

REIS, C. A; ZANELLA, A.V. **Arte e vida; vida e(m) arte: entrelaçamentos a partir de Vigotski e Bakhtin**. Psicologia Argumento, v 32 n. 79, Supl 1. p 97-107. 2014 Acesso em ago 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20463VAZ>,

P. S. B. B. **A Influência da Música em Crianças com Autismo**. Dissertação (Mestrado em Educação Especial - Domínio Cognitivo e Motor) - Instituto Superior de Ciências Educativas. Ramada, p. 199. 2013.

YAGHAN-VIAL, N. M. L. B. **Un caso para la clínica de las psicosis: Vaslav Nijinsky**. Disponível em: Estados Gerais da Psicanálise. 2000. Disponível em: <http://www.oocities.org/hotspings/Villa/3170/NafiaMarianne.htm>. Acesso em: agosto 2020.

ANDRADE, D. L. P; MURAD, C. R. R. O

Como citar este artigo (ABNT)

ANDRADE, D. L. P; MURAD, C. R. R. O. **Autismo e inclusão escolar: em busca de diálogos interdisciplinares com a dança.** Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 7, n. 3, p. XXX-XXX, 2020. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

ANDRADE, D. L. P; MURAD, C. R. R. O. GERMANO, S. C. **Autismo e inclusão escolar: em busca de diálogos interdisciplinares com a dança.** Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.

